


O PROJETO DE PESQUISA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

THE RESEARCH PROJECT IN THE PHENOMENOLOGICAL PERSPECTIVE

Tiago Emanuel Klüber

Doutor. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-0971-6016>
tiagokluber@gmail.com

RESUMO: Neste ensaio, exponho a minha compreensão sobre o projeto de pesquisa segundo uma visão fenomenológica. Ele emerge de uma necessidade prática de orientação e da escassez de textos que abordem o assunto para além de generalidades estruturadas e de aspectos meramente burocráticos ou institucionais. Dessa maneira, a interrogação perquirida foi: o que é isto, o projeto de pesquisa segundo uma visão fenomenológica? Para dar conta do interrogado, explico compreensões sobre o projeto de pesquisa em manuais consagrados, estabelecendo um debate sobre os limites destas proposições. Em seguida, são apresentados os aspectos centrais da fenomenologia que sustentam a minha compreensão de projeto, no sentido da abertura ou do lançar-se à frente, o que incide sobre a minha visão de projeto de pesquisa. Por fim, delinheiro aspectos que um projeto de pesquisa fenomenológico pode conter, sempre em relação ao que se interroga, portanto, do sentido para a estrutura e não o contrário.

Palavras-chave: Pesquisa. Projeto de Pesquisa. Formação de Pesquisadores.

ABSTRACT: In this essay, I present my understanding of the research project from a phenomenological point of view. It arises from a practical need for guidance and the scarcity of texts that address the subject beyond structured generalities and merely bureaucratic or institutional aspects. So, the question was: what is this, the research project from a phenomenological point of view? To answer the question, I explain the understanding of the research project in established manuals, establishing a debate on the limits of these propositions. Next, I present the central aspects of phenomenology that underpin my understanding of the project, in the sense of openness or launching oneself forward, which has an impact on my vision of the research project. Finally, I outline aspects that a phenomenological research project may contain, always in relation to what is being questioned, therefore, from meaning to structure and not the other way around.

Keywords: Research. Research Project. Training researchers.

INTRODUÇÃO

A elaboração do projeto de pesquisa é um dos momentos mais importantes da pesquisa acadêmica, para qualquer área de pesquisa. Para orientar a sua elaboração, há um conjunto de manuais, em geral, ao nível da graduação, que norteiam este momento. Esses manuais marcam a vida

profissional daqueles que permanecem no âmbito acadêmico, de tal modo, que **o pensar o projeto de pesquisa fica naturalizado** e assim, sendo reproduzido exaustivamente tanto no âmbito da formação de novos pesquisadores quanto dos órgãos de fomento.

Da minha experiência profissional de docente e orientador de pesquisas acadêmicas, tenho notado que o projeto de pesquisa tem sido redigido, quase sempre, como um momento protocolar, justamente, porque é elaborado como uma exigência técnica ou pensado sob regras gerais, de formato e de redação, sem focá-lo em uma dimensão mais ampla, na relação com aspectos epistemológicos e ontológicos do objeto a ser estudado. Portanto, sem ser pensado para além do já posto, perdendo-se na mera redação.

Junto a isso, para além dos manuais já disponíveis, e de alguns poucos textos que buscam discutir o projeto de pesquisa na visão fenomenológica, como de Gil (2012) e Gil e Yamauchi (2012), senti a necessidade de escrever sobre o projeto de pesquisa segundo o meu entendimento de fenomenologia. Esse sentir que aqui destaco, não se dá em termos psicológicos, mas do sentido que o projeto de pesquisa tem para mim, portanto, em uma dimensão espiritual, ou seja, aquela esfera que envolve os atos que se sobrepõe ao impulso psíquico e físico corpóreo (Ales Bello, 2006). Essa necessidade sentida é na verdade um incômodo, um desacerto, que coloca cada um de nós em movimento do novo, portanto, exige um lançar-se e um afastar-se quase que simultâneo, para vislumbrar o que se abre ao nos movermos.

Em geral, os textos que tratam da visão fenomenológica de pesquisa, o fazem para níveis mais avançados e amadurecidos, sem tocar em assuntos que a princípio seriam considerados propedêuticos, como a elaboração de um projeto de pesquisa, que é ensinado já em níveis de formação inicial de pesquisadores. Além de, muitas vezes, também permanecer aprisionados à ausência de reflexão sobre a estrutura, assim como ocorre com formatos de tese *multipaper* e monográficos, como discutido e aprofundado em Mutti e Klüber (2022).

Isso se dá pela forte tradição de pesquisa positivista que impera nos órgãos de fomento e nas instituições que adotam modelos padronizados para projetos de pesquisa. Em muitos casos, os pesquisadores alinhados à fenomenologia adaptam os seus projetos para evitar confrontos que podem inviabilizar a realização de sua pesquisa, apenas porque não se adapta aquilo que chamo de pasteurização dos projetos de pesquisa ou padrofrenia, ou seja, uma tentativa exacerbada de padronizar projetos, apoiados em uma visão monolítica para ciência.

Destaca-se, também, que “Os pesquisadores fenomenológicos não dispõem, por exemplo, de manuais como os que são adotados em pesquisas realizadas segundo a perspectiva positivista, que constitui a tendência ainda dominante no campo da enfermagem” (Gil; Yamauchi, 2012, p. 566). Essa afirmação, segundo as minhas experiências vividas com pesquisa, não se dá

apenas no campo da enfermagem conforme os autores, mas em todas as áreas que assumem a pesquisa fenomenológica. Por isso, ao levar em conta quase duas décadas de orientação de discentes de graduação na iniciação científica e especializações *lato sensu* e mais de uma década no nível *stricto sensu*, mestrados e doutorados, bem como a escassez de material sobre o assunto, entendo que o tema aqui apresentado é relevante e quase uma exigência do horizonte vivido. Por essa razão, decidi me lançar ao desconhecido para expor possibilidades.

Certamente, aquilo que registro aqui, é um ponto de vista individual, porém, entendo que não é individualista, pois na abertura intersubjetiva dialoga com as ideias nucleares da fenomenologia, em termos ontológicos, epistemológicos e com desdobramentos metodológicos e procedimentais, no horizonte de todas as leituras, orientações e compreensão de mais de duas décadas com outros pesquisadores que também se dedicaram e se dedicam à fenomenologia. Por essa razão, este texto pode contribuir para os interessados em fenomenologia se lançarem na tarefa da elaboração de projeto de pesquisa.

Para dar conta dessa discussão, iniciarei fazendo um exercício descritivo-interpretativo, que já considero algo relevante para todo e qualquer projeto segundo uma visão fenomenológica. Em outras palavras, antes de apresentar as minhas ideias sobre o fenômeno em questão, o projeto de pesquisa na perspectiva fenomenológica, é preciso expor o que dele se mostra na região em que se mostra, e a isso denomino de compreensão da região de inquérito.

UM APANHADO SOBRE O PROJETO DE PESQUISA EM MANUAIS AMPLAMENTE CONHECIDOS OU SOBRE A COMPREENSÃO DA REGIÃO DE INQUÉRITO

Da minha experiência acadêmica e de orientação, ao menos no campo da Educação Matemática e Educação em Ciências, certamente um dos manuais mais conhecidos para a elaboração de projetos de pesquisa é o de Antonio Carlos Gil, que leva o nome: “Como elaborar projetos de Pesquisa”, que teve sua primeira edição publicada em 1987, conforme ficha catalográfica de Gil (2002). Esse é um manual que me foi recomendado na iniciação científica, há mais de duas décadas e eu ainda o recomendo aos meus estudantes de graduação, juntamente a outras leituras. Mesmo decorridos praticamente 40 anos da sua primeira edição, continua sendo amplamente lido e referenciado, tanto pela relevância do tema e a ausência de outros materiais, quanto pelo seu nível introdutório, bem como, por sua linguagem pouco rebuscada e por ser acessível na maioria das bibliotecas institucionais de Ensino Superior.

É interessante notar que o autor se dedica, dentro da sua compreensão e formação acadêmica, a explicar o que entende por pesquisa,

a elaboração do projeto, o problema de pesquisa e elaboração de hipóteses, a classificação das pesquisas segundo seus objetivos e também segundo seus procedimentos (delineamentos), bem como faz um esforço para esclarecer como cada delineamento pode ser desenvolvido. Em suma, é um material relevante para apontar maneiras de fazer pesquisa. Por isso, o seu olhar para a pesquisa fenomenológica não é fenomenológico, ainda que certamente tenha leituras sobre o tema.

Em particular, em outros textos do mesmo autor, destaco que quando trata do projeto de pesquisa fenomenológico, o faz segundo uma organização que segue as etapas da pesquisa clássica, segundo ele mesmo esclarece (Gil, 2012; Gil; Yamauchi, 2012). Nesse sentido, a proposta de pesquisa apresentada pelos autores, enfocando tópicos como problema de pesquisa, fundamentação teórica, coleta de dados, indicam incomensurabilidade entre “princípios” básicos da fenomenologia husserliana e de seus seguidores, como Heidegger e Merleau-Ponty, por tratar o projeto desde uma atitude natural.

Para Gil (2002, p. 19), o projeto de pesquisa é “o documento explicitador das ações a serem desenvolvidas ao longo processo de pesquisa”. E afirma que “[...] deve especificar os objetivos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar procedimentos de coleta de análise de dados” (Gil, 2002, p. 19). O autor ainda faz outras ponderações sobre a importância pessoal e burocrática do projeto, para grupos de pesquisa ou órgãos financiadores. Ainda na seção dedicada à elaboração do projeto de pesquisa, o autor assevera: “um projeto só pode ser definitivamente elaborado quando se tem um problema claramente formulado, os objetivos bem determinados, assim como o plano de coleta e análise de dados” (p. 21).

Quanto ao projeto fenomenológico, Gil e Yamauchi (2012) afirmam que há um problema de pesquisa na pesquisa fenomenológica. Gil (2002) faz uma importante exposição sobre tipos de problemas que denomina de científicos. Os autores assumem a organização clássica de projetos, sobre isso, explicam que “[...] ao iniciar uma pesquisa desta natureza, o pesquisador, de modo geral, não dispõe de um problema formulado com clareza, objetividade e especificidade” (Gil; Yamauchi, 2012, p. 566). Particularmente, sobre esse aspecto, tenho divergência da afirmação dos pesquisadores, a qual parece enfraquecer ou minorar a perspectiva fenomenológica. É preciso compreender que a ideia de problema de pesquisa não é coerente à visão fenomenológica e, ainda, que nenhuma investigação, mesmo aquelas que dizem ter clara compreensão do problema de partida, em última instância não o têm, pelo simples motivo de que a compreensão se dá em movimento, a clareza deste momento é “resultado” do movimento realizado previamente. Em outras palavras, mesmo quando se tem um problema definido, este decorre dos vários momentos vividos pelos pesquisadores, tanto na experiência prática vivida quanto na reflexão e teorização, portanto, é resultado do movimento do pensar o objeto de pesquisa e na fenomenologia, o fenômeno. Os autores aqui mencionados não descartam

essa possibilidade, mas na visão estruturalista esse movimento se dá a partir da estrutura e para ela retorna. Por exemplo, em uma investigação teórica, focando apenas bibliografias ou literatura sobre um tema, há todo o movimento prévio que levou o pesquisador a interrogar o que interroga, alargando a compreensão de si mesmo na relação com o que busca esclarecer. Por fim, ainda é importante destacar que não se inicia uma pesquisa fenomenológica sem esclarecer o que se interroga, sem explicitar o interrogado na interrogação (Bicudo; Klüber, 2013). Por isso, a afirmação dos autores não se sustenta, uma vez que o que se busca na pesquisa fenomenológica é esclarecer o fenômeno, segundo a direção da própria pergunta que contém o fenômeno investigado. Isso tem implicações ontológicas, uma vez que a manifestação do fenômeno não se dá além da sua possibilidade de se mostrar a quem o visa; e epistemológicos, pois o modo de conhecer o fenômeno é interrogar a própria compreensão que dele se tem.

O referido manual de Gil (2002) e o entendimento de projeto de pesquisa na fenomenologia dos autores Gil (2010) e Gil e Yamauchi (2012) é coerente como um norteador da elaboração de projetos segundo uma visão estruturalista, uma vez que vê o projeto desde os seus aspectos já constituídos e explicitados, portanto, não permite visar o projeto segundo um olhar fenomenológico. Uma análise da bibliografia utilizada no livro aponta claramente para esse tipo de abordagem, o que não farei aqui, mas pode ser facilmente consultada.

Outra obra amplamente lida e referenciada sobre a elaboração de projetos é a de Antonio Joaquim Severino “Metodologia do Trabalho Científico”, que em 2013 estava em sua 23ª edição, conforme a ficha catalográfica de Severino (2013). O autor apresenta, no capítulo 4, uma compreensão sobre o projeto de pesquisa centrada no planejamento e começa dizendo: “Antes de ser realizado, um trabalho de pesquisa precisa ser planejado” (Severino, 2013, p. 112). Assim como Gil (2002), entende que o projeto é o registro do planejamento. E afirma:

Para elaborar o projeto, o pesquisador precisa ter bem claro o seu objeto de pesquisa, como ele se coloca, como ele está problematizado, quais as hipóteses que está levantando para resolver o problema, com que elementos teóricos pode contar, de quais recursos instrumentais dispõe para levar adiante a pesquisa e quais etapas pretende percorrer (Severino, 2013, p. 112).

Compreende que para elaborar o projeto é necessário vivenciar uma experiência problematizadora e que o projeto impõe “[...] uma disciplina de trabalho não só a respeito da ordem dos procedimentos lógicos e metodológicos, mas também em termos de organização e distribuição do tempo” (Severino, 2013, p. 12). Dessa perspectiva, passa a apresentar a estrutura do projeto de um ponto de vista textual e também das exigências externas à sua consecução.

Esse apanhado inicial sobre o projeto de pesquisa em manuais de pesquisa, poderia ser ampliado para outras obras, porém, entendo que em geral elas focam o projeto de pesquisa de um ponto de vista da sua estrutura, ou seja, parte da estrutura para o sentido, dando uma ideia de “encaixe” e “adaptação”, ou seja, colocar os elementos, como nomina Gil (2002) ou a estrutura enquanto texto (Severino, 2013), dentro de um documento.

Esse entendimento por mais relevante que seja e favoreça a construção de projetos na grande maioria das áreas, do meu ponto de vista, atende plenamente apenas as visões de pesquisas que se enquadram em vias estruturalistas, nas quais o sentido se expressa a partir da estrutura, portanto, em uma visão apofântica (manifesta) da estrutura do projeto. Essa estrutura apofântica confere uma compreensão compartilhada de que as coisas sempre foram assim, porém, perde-se o movimento do constituir a estrutura, que é a que nos interessa fenomenologicamente falando.

Com isso, não quero dizer que devam ser descartadas ou que sejam inócuas, apenas, que do ponto de vista fenomenológico, a estrutura da pesquisa e, portanto, do projeto se origina da interrogação, exposta muitas vezes como uma pergunta. Em certo sentido, estou alinhado com ambos os autores que falam do problema de pesquisa e da experiência problematizadora, porém, sob uma visão distinta. Por isso, pretendo fazer uma discussão que precede a estrutura, ou mais bem colocado, que leva à estrutura do projeto a ser estruturado. Essa mudança de perspectiva é própria do pensar fenomenológico. Portanto, interrogo aqui: **o que é isto, o projeto de pesquisa segundo uma visão fenomenológica?** Essa interrogação já me levou a expor os significados correntes, porém, ainda, exige uma abertura no horizonte do que compreende a fenomenologia. Isso será exposto na seção subsequente, para depois explicitar o projeto na perspectiva fenomenológica.

ASPECTOS NUCLEARES DA FENOMENOLOGIA

A fenomenologia, conforme a entendo, é uma atitude. Essa atitude é uma atitude para com o conhecer, sobre o modo como o ser humano conhece, portanto, não é psicológica, é uma atitude espiritual e radical, que muda o modo de ver a manifestação dos objetos a serem conhecidos. Em outras palavras, diz do modo como eu assumo que é possível conhecer e como a pessoa humana conhece (Ales Bello, 2006).

Fazer uma pesquisa fenomenológica requer minimamente suspender as crenças sobre o que se está investigando, ou seja, sobre o fenômeno, para compreendê-lo segundo a sua manifestação ou em seus múltiplos modos de manifestação (Moura, 1989). Contudo, a manifestação não é de “fora para dentro” da pessoa, de um objeto que comunica o que há para ser conhecido, mas é já aquilo que é manifesto para a própria pessoa, em seu horizonte

vivido, portanto, dependendo no modo como ela se dirige àquilo que já lhe aparece como fenômeno.

Por exemplo, se um psicólogo quer compreender o estado psicológico do paciente, precisa ser capaz de distinguir o que ele pensa sobre o seu estado psicológico e a sua afeição ou não pelo paciente, deve ser colocada de “lado”, bem como explicações e teorias prévias sobre esse seu estado. Esse exemplo é relevante, porque enquanto pessoa humana não podemos sentir e estar efetivamente no lugar do outro, portanto, o seu estado psicológico se manifesta a mim segundo o meu modo de ver, contudo, a atitude fenomenológica requer suspender quaisquer interpretações iniciais, de maneira que o sujeito descreva o que vive e eu adentre no entendimento, segundo isso que se manifesta a mim na descrição que eu visio, ou seja, eu vivo a descrição.

Portanto, o fenômeno não é algo exterior, mas é algo que é vivido pela pessoa, em sua integralidade corporal, ou seja, enquanto corpo-vivente (*Leib*), que conjuga a unidade corpo físico, psique e espírito (Ales Bello, 2006).

Aqui, especificamente, focamos o projeto de pesquisa e para tanto, precisamos suspender a nossa crença natural sobre o projeto, sobre a sua estrutura corrente, sobre as teorias que versam sobre o projeto. Isso evidencia que o projeto de pesquisa pode ser tomado como uma coisa, uma estrutura a ser cumprida, mas que ao tomar uma atitude fenomenológica, é preciso compreender os seus múltiplos modos de manifestação, mais ou menos o que fiz ao expor o projeto de pesquisa na seção anterior. Agora, é necessário abrir o significado de projeto.

O PROJETO DE PESQUISA SEGUNDO UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA

Reitero que compreendo o projeto de pesquisa para além de sua estrutura formal, uma vez que é resultado de um movimento mais amplo que se dá a partir do desacerto do pesquisador em relação ao seu horizonte compreensivo. Porém, isso não quer dizer que o projeto não deva ter uma estrutura. Em seguida, e não menos importante, assevero que é necessário entender radicalmente que os procedimentos e os instrumentos emergem da compreensão do fenômeno investigado, sempre retomando o já compreendido, estudado e registrado, pois o pensamento é sempre inacabado, é sempre movimento.

Retomando as definições de Gil (2002) e Severino (2013) é possível compreender que um há sentido implícito nelas, o de lançar-se à frente. Frases como a “ser desenvolvida” ou a expressão “documento norteador”, remetem, obviamente ao futuro para o qual nos dirigirmos. Porém, entendo que não é esse sentido que é perseguido no modo como o projeto é apresentado e sim o do que se deve ter no projeto de pesquisa, segundo o que já está estabelecido.

Essa compreensão exige um exercício Hermenêutico, para o qual exponho alguns significados dicionarizados no *Oxford online*, sobre o verbete **projeto**:

1. desejo, intenção de fazer ou realizar (algo) no **futuro**; plano. "fazia projetos para sua aposentadoria" 2. descrição escrita e detalhada de um empreendimento **a ser realizado**; plano, delineamento, esquema. "p. de pesquisa" 3. esboço **provisório** de um texto. "p. de um artigo, de uma carta" 4. esboço ou desenho de trabalho **a se realizar**; plano. "p. paisagístico" Origem: ETIM(1680) latim *projectus, us* '**ação de lançar para a frente, de se estender**' (Oxford, online, s.n.p, 2024, grifos meus).

Indagando os significados dos termos que coloquei em destaque, é possível entender que remetem à ideia de abertura, do lançar-se à frente, de abrir possibilidades. Dessa maneira, só temos certeza do ponto que nos encontramos, mas não temos plena clareza sobre o devir que é inevitável, porém, podemos pensar sobre tais possibilidades, estabelecer uma meta que por si não é clara e muito menos definitiva.

O projeto, mais do que efetuar um registro ou esquematizar tópicos que devem estar contidos em um projeto, deve ser tomado como um **lançar-se à frente**, uma vez que é uma abertura do ser-aí, ou *Dasein*, no sentido Heideggeriano. Em outras palavras, um projeto de pesquisa fenomenológico deve ser um lançar-se do pesquisador na abertura das possibilidades daquilo que investiga e não apenas uma exigência institucional, ainda que com ela dialogue neste mesmo horizonte. Um excerto do dicionário de Heidegger, escrito por Inwood (1944), pode ajudar a esclarecer esse significado:

Um projeto científico é análogo ao mapa seletivo de uma cidade; não pode prescindir de uma compreensão pré-ontológica geral dos entes da mesma forma que um usuário do mapa não pode chegar a lugar algum sem um senso de direção (Inwood, 1944, p. 152).

Em outras palavras, o projeto, mais do que planejar no sentido programático e estruturar, é um modo de dar a direção, por isso, sempre leva em conta o horizonte que já é do pesquisador. Portanto, é de si mesmo que se retira a direção prévia. Esse de si mesmo, não é uma visão solipsista, ensimesmada, porque é sempre-com-os-outros-no-mundo (Heidegger, 2005).

Ainda, Heidegger *apud* Inwood (1944, p. 86), diz que uma ciência projeta "[...] entes que, já de algum modo, vêm ao encontro". Esse entendimento evidencia que projeto é um modo de estar aberto ao que vem ao encontro, mas não como entes independentes que caminham na direção do pesquisador, por si só, mas como abertura do *Dasein* ao futuro que sempre nos interpela ao nos projetarmos para frente.

É com esse sentido que concordo com Baumann (2013), deslocando o entendimento dela de projeto de formação para o projeto de pesquisa:

[...] o projeto traz, por meio da sua força, o que é pretendido pelo curso, os objetivos, a destinação. Projeta as ações a serem desenvolvidas para buscar essa destinação pensada. Sendo ele a forma, ele molda o curso, é ele que conduz e dá a tônica de todo processo de formação, fazendo lapidar, pelo movimento de atualização do projeto, o profissional ali projetado. Porém, sendo “pro-jeto” não fecha uma proposta, mas abre ideias e possibilidades de escolhas e ações. Estas, por sua vez, traçam o curso, ou seja, o caminho de atualização e de novas propostas (Baumann, 2013, p. 601).

Sob essa compreensão do presente-atualizador, exponho uma “forma” de projeto de pesquisa que se abre ao movimento de atualização.

INICIANDO A PESQUISA FENOMENOLÓGICA

Há sempre um tema, um aspecto de um tema, de uma teoria, de uma prática, de um campo de pesquisa, e quaisquer outros que pertençam ao mundo da vida do pesquisador, ou seja, o mundo da totalidade experienciada por ele, para o qual ele está desperto e do qual ele não suspeita de sua existência, portanto, não é o mundo físico e dado em si. Esse “isto” que eu foco é algo que me causa desacerto, perplexidade e quero me colocar em movimento de compreendê-lo para além deste aqui e agora e, de certo modo, daquilo que já compreendo agora como um “desconforto” ou um “desacerto”.

Assim, o primeiro movimento e, para mim, o principal, é fazer um esforço de explicitar, na região de inquérito, algo que mereça ser compreendido, portanto, interrogado, perguntado, questionado (Bicudo, 2011; Bicudo; Klüber, 2013), e por fim, explicitado, em um outro nível de compreensão, que suspende crenças imediatas e seguranças teóricas e práticas. Destaco que esse aspecto se alinha à experiência problematizadora mencionada por Severino (2013), contudo, aqui a atitude não é mais a da aceitação do mundo como um lugar em que estamos, mas do mundo como aquilo que vivo e sobre o vivido lança atos que o significam.

Em termos práticos, é necessário um esforço para explicitar a interrogação, seja em forma de pergunta, seja em forma de um enredo que a deixe clara. Por motivos acadêmicos, como a necessidade de avanço sobre o que não se sabe, explicitar a interrogação em forma de pergunta, a meu ver, **clareia, dirige** o olhar e **permite** abrir desdobramentos diversos que são necessários para interrogar o interrogado, perguntar sobre o perguntado, e explicitar o que se mostra disso que se interroga.

Por exemplo, se interrogo uma teoria que está na região de inquérito do ensino de frações, posso perguntar de várias maneiras, mas ao visar um

fenômeno (objeto intencional de pesquisa), busco tornar a redação “inteligível”, antes de tudo, para mim, mais e mais, até que ela “brilhe”, como um metal que inicialmente estava recoberto por sujeira, por outros metais, manchado pelo próprio polimento superficial, ou pelo uso de produtos inadequados, mas, ao ser “polido”, eu vejo “ele-mesmo”. Não estou falando aqui de uma realidade dada, mas de uma interrogação genuína, que é vista no como “eu-interrogo-isto”.

Se por exemplo, quero me inserir em uma determinada área de pesquisa, posso indagar: o que me incomoda nesta área de pesquisa? O que vou interrogar? O que, na minha trajetória profissional me incomoda e que precisa de esclarecimento? O que da minha experiência converge com essa área de pesquisa que estou a me inserir? Enfim, o pesquisar é um perquirir algo que desconheço (Bicudo, 2011), certamente alinhada à tradição da comunidade de pesquisa que estou inserido.

Relato rapidamente aqui o tema de tese de Mutti (2020), por mim orientada. A pesquisadora tinha interesse em saber “o movimento de passagem do professor das práticas habituais para práticas com modelagem” no contexto do grupo de formação de professores em Modelagem, projeto de extensão por mim coordenado e exposto em (Klüber, 2023).

No decorrer das orientações e com o entendimento dela e meu da região de inquérito, Modelagem Matemática e Formação de professores, convergimos para a compreensão de que estávamos falando daquilo que a comunidade denominava de “adoção da modelagem”. Ficou claro que a comunidade falava recorrentemente de adoção (e nós mesmos falávamos) sem interrogar esse sentido. Este vinha sendo tematizado com a ideia de movimentação de uma prática para outra, passagem de uma prática para outra ou deslocamento. Porém, como isso se deu? Do movimento de explicitar o próprio desacerto da pesquisadora, de se colocar em movimento com aquilo que causava estranheza nas experiências vividas pela pesquisadora e que seria relevante para a região de inquérito da Formação de professores e Modelagem Matemática.

Com essa clareza, que não foi imediata, mas demorada, dialógica, inquiridora e desconfortável, pudemos expor o interrogado em uma pergunta: o que é isto, a adoção da Modelagem Matemática para professores inseridos em um contexto de formação continuada?

Ao perguntar deste modo, se impuseram pelos múltiplos modos de manifestação do fenômeno, o seguinte: 1) Estudar textos que tratassem da adoção, em diferentes áreas. E ela se pôs a perguntar: quais? 2) Investigar o sentido do termo adoção, em dicionários de língua portuguesa, dicionários de filosofia, dicionários de filosofia fenomenológica e textos de fenomenologia; 3) entrevistar professores daquele contexto para entender a-adoção-da-modelagem-para-eles, sem, no entanto, perguntar como é a adoção para você. Foi necessário entrevistar os professores abertamente, perguntado das suas “vivências” com a modelagem. Isso se mostrou

genuíno, porque a adoção nunca foi investigada do ponto de vista daquele que pode adotá-la, o professor, sempre foi visto do lugar da modelagem, ou seja, da elaboração teórica dos autores de referência nesta área ou de teorias prévias sobre o que se espera do professor (Mutti, 2020); 4) Estudar formação de professores, em sua amplitude; 5) estudar fenomenologia; 6) estudar e escrever uma compreensão própria sobre entrevistas; 7) aprender e desenvolver modos de análise fenomenológica e hermenêutica.

Outro exemplo é quando o projeto de pesquisa envolve apenas uma investigação teórica, da bibliografia sobre um tema em questão. Tambarussi e Klüber (2014) interrogaram “O que se mostra das atividades de formação continuada de professores nas pesquisas de dissertações e teses de Modelagem na Educação Matemática? Essa interrogação emergiu de um interesse conjunto dos pesquisadores sobre o tema da Formação de professores, porém, dada a minha experiência como pesquisador naquele momento, começamos a nos questionar sobre os modos de “fazer” formação, o que nos levou a estabelecer a interrogação acima apresentada. Para dar conta do fenômeno “atividades de formação continuada de professores nas pesquisas de dissertações e teses de Modelagem na Educação Matemática”, vários aspectos se tornaram necessários, como: 1) estudar Modelagem Matemática na Educação Matemática; estudar Formação de professores em geral e na Modelagem Matemática; 3) definir procedimentos e instrumentos de recolha dos materiais significativos; 4) definir procedimentos de análise textual; 5) decidir pelo uso de *software* de análise qualitativa; 6) empreender categorização segundo um visão fenomenológica; 7) avançar na interpretação segundo o que se mostrou do fenômeno.

Em linhas gerais, o estabelecimento da interrogação que para mim é a sua clara explicitação, interrogando-a constantemente, permitiu a escolha de procedimentos, dos textos a serem lidos, das teorias a serem estudadas para compreender o fenômeno na região de inquérito, do modo de interpretar os diferentes dados que foram produzidos pela leitura das dissertações e teses em ambos os casos ou pelas entrevistas dos sujeitos que compunham a formação na tese de Mutti (2020).

Note-se que esse movimento confere uma estrutura, tanto ao projeto quanto ao relatório final de uma pesquisa, podendo ou não se adequar ao modelo padrão da organização de textos acadêmicos, mas em geral, adquirindo uma estrutura própria a cada fenômeno em questão. Esse é o entendimento mais importante para pensar o projeto segundo uma visão fenomenológica.

Ainda assim, deste movimento, é possível pensar em uma estrutura mínima ou essencial de projeto, a qual emerge da interrogação, que em meu entendimento vai sempre solicitar três movimentos básicos, conforme apresento na Figura 1.

Figura 1 - Estrutura conceitual do projeto de pesquisa fenomenológico



Fonte: Do próprio autor (2025).

Dessa compreensão, exponho uma possível estrutura textual (formal) do projeto, focando em apenas três partes referentes ao conteúdo e duas partes técnicas, quais sejam: 1) introdução; 2) aspectos metodológicos e procedimentos; 3) Região de Inquérito; 4) cronograma e 5) referências.

1. Introdução:

- a. Explicitação dos aspectos pessoais, acadêmicos, sociais, culturais que conduzem ao estabelecimento da interrogação de pesquisa.
- b. Exposição da interrogação de pesquisa, a qual contém o interrogado (fenômeno) a ser investigado. Essa interrogação já possui a direção da experiência vivida, por isso é necessário expor os aspectos anteriores, não necessariamente nesta ordem.
- c. Apresentação inicial dos aspectos da região de inquérito que evidenciam o “lugar” da interrogação no horizonte comunitário da pesquisa. A interrogação solicita a compreensão desta região, portanto, isso remete a uma nova seção.

2. Aspectos metodológicos e procedimentos:

- a. Exposição/descrição dos aspectos metodológicos incluindo: visão de pesquisa fenomenológica. Sem dúvida, é

necessário compreender fenomenologia para fazer fenomenologia. Por isso, é preciso se apropriar do modo de pensar, da atitude fenomenológica para dar conta de desenvolver um projeto de pesquisa nessa perspectiva.

- b. Esclarecimento dos modos de acesso aos materiais e da produção de dados e explicitação dos procedimentos e instrumentos necessários para compreender o fenômeno (não necessariamente aqueles postos na literatura), sempre correlatos ao fenômeno. Isso remete ao exemplo da tese de Mutti (2020) supramencionado. Isso não é feito de maneira meramente técnica ou prescritiva, mas por meio de reflexão demorada e “fina”, sobre os modos de acesso ao fenômeno, sobre as suas condições de manifestação, por isso, é preciso uma atitude de “escuta” do fenômeno, em vez de impor modos de produzir os dados.
- c. Exposição dos modos de proceder à análise e interpretação. Em geral, há teorias sobre modos de proceder à análise e à interpretação fenomenológica, porém, é necessário compreender que o mais importante é assumir as linhas mestras da fenomenologia, ou seja, descrever e explicitar o fenômeno, procedendo aos processos de redução, o que é mínimo para se ter uma pesquisa fenomenológica, segundo Giorgi (2010). Entenda-se a redução como um ato deliberado de colocar entre parentes, ou seja, de retirar a atenção de algo e se centrar sobre outro, até que se compreenda o que é isto que se mostra, em sentido (Ales Bello, 2006). Em outras palavras, é preciso uma atitude de atenção especial para com o que se mostra, evitando dirigir-se ao fenômeno com conhecimentos explicativos sobre ele, mas pensando sobre ele mesmo, por meio de variações imaginativas, ora olhando para um aspecto, ora para outra, até que a essência se revele em sua própria estrutura de sentido.

3. Região de inquérito:

- a. Essa seção não pode ser confundida com referencial teórico, diferindo da argumentação de Gil (2010), por exemplo. É importante esclarecer que “Região de inquérito” aparece na pesquisa em Educação Matemática em um texto de Bicudo (1993). A autora afirma que é nessa região que o significado é tecido e também onde se esboça a generalização daquilo que se produz. A autora também fala de uma configuração da região de inquérito da Educação Matemática, e de núcleos de preocupação que nutrem a pesquisa da área. Dessa perspectiva, penso é possível dizer que a região de inquérito é aquela região na qual estão circunscritos os aspectos do que pretende inquirir, ou seja,

investigar. De acordo com Almeida Melo (2010), a região de inquérito não se refere a uma área de conhecimento em específico, mas se refere à situacionalidade dos sujeitos. Ainda que concorde que a região de inquérito não se restringe à área de pesquisa, a região de inquérito abarca um sentido de totalidade daquilo que se pretende investigar, focando tanto uma área, quando a situacionalidade dos sujeitos, e abrindo-se a compreender tudo aquilo que for necessário à que se está inquirindo. Portanto, região fala de uma certa delimitação temática e de uma certa extensão que envolve o produzido e a produção em movimento e tudo que está correlato ao fenômeno. Inquérito aqui tem o sentido mesmo do perguntar, interrogar, até que se revele o que é nuclear daquilo que se busca compreender, uma vez que o termo inquérito aqui se origina do verbo inquirir, na acepção do fazer perguntas, interrogar, investigar, portanto, como um genuíno interrogar, próprio da visão fenomenológica. A região de inquérito envolve compreender diferentes modos pelos quais o fenômeno já foi abordado, indo a teorias ou resultados de pesquisa, mas não se constitui em um referencial de análise do fenômeno, uma vez que compreendê-lo requer compreender também a sua região de inquérito, logo, há uma sutil diferença, mas que muda completamente o modo de ver a pesquisa. Isso que se estuda na região de inquérito não se torna a lente do pesquisador para explicar o fenômeno, ainda que certamente contribua para esclarecer sentidos. Em suma, a análise não se restringe ao conteúdo explicitado da região de inquérito, como se espera ver em pesquisas empírico-analíticas. Das duas pesquisas supramencionadas, ao investigar a adoção da modelagem por professores, foi necessário alargar a compreensão da adoção na própria área, a formação de professores em geral e a formação de professores no campo de pesquisa de modelagem. Da maneira mais abrangente possível. Portanto, a região de inquérito e a sua explicação se comportam como possibilidades de ver aspectos pelos quais se pretendeu abordar o fenômeno, sem, no entanto, tomar esses aspectos como explicação do fenômeno. Outro exemplo é o estudo da contextualização em Modelagem Matemática que resultou na dissertação de Schwendler (2023). Todo o estudo sobre contextualização tanto em pesquisa no campo da modelagem quanto na contextualização no ensino de matemática em geral cumpriram a função de entender o que se diz sobre o fenômeno, mas as análises e as interpretações da dissertação, ainda que dialoguem com aspectos da região de inquérito evidenciam uma teorização

própria, para além do já posto na literatura da região de inquérito, mesmo a nível de mestrado.

4. Cronograma de ações e estudos.

- a. O cronograma de estudos é um exercício e uma exigência inegociável no âmbito das pesquisas fortemente administradas por prazos. No entanto, ele é apenas uma orientação para a consecução das ações dos pesquisadores e por isso deve ser pensado também na relação direta com o que se interroga e todos os aspectos que daí emergem e se desdobram exigindo compreensão.

5. Referências

- a. As referências são uma exigência básica e necessária, tanto do ponto de vista formal quanto ético, uma vez que tudo o que produzimos é produzido no diálogo no horizonte que dele se abre.

Esse breve exercício que aqui empreendi evidencia que o projeto na pesquisa fenomenológica, longe de ser impróprio ou dispensável, é empreendido como algo inerente à pesquisa e, portanto, ao interrogar que move o pesquisador.

O projeto de pesquisa na perspectiva fenomenológica não é visto segundo a estrutura convencional e consagrada, por vários aspectos: 1) pela incomensurabilidade teórica, uma vez que não prescinde de referencial teórico no sentido de usar para explicar, olhar ou interpretar os dados, pois visa o fenômeno, em seus múltiplos modos de doar-se; 2) pela visão de realidade e conhecimento que se distinguem de matrizes meramente realistas e positivistas, dando ênfase às experiências vividas dos pesquisadores; 3) pela ausência de pressupostos operacionais sobre o fenômeno, ou seja, ainda que eles existam, são suspensos no exercício intelectual de redução fenomenológica; 4) por não entender a estrutura como doadora do sentido, mas o sentido como o constituinte da estrutura.

Em suma, o projeto de pesquisa fenomenológico dialoga com os modelos de projeto consagrados na tradição, porém, vai além deles, primeiro por dar um passo atrás e exigir que o pesquisador indague, por exemplo, que estrutura essa investigação terá? E não, como vou adequar o objeto a uma estrutura? Esse exercício pode parecer vago e desordenado, no entanto, se realizado com a atitude filosófica que é solicitada pela fenomenologia, impõe uma estrutura rigorosa que evita a inserção de aspectos irrelevantes que muitas vezes apenas são inseridos para cumprir as exigências, porém, que pouco ou nada contribuem para a compreensão daquilo que se está estudando. Evita, também, a mera inserção de tópicos teóricos ou analíticos que não tornam o trabalho acadêmico autocontido. Escrever um projeto na perspectiva fenomenológica auxilia o pesquisador a se desenvolver metodologicamente, ou seja, estudando os modos pelos quais pode

compreender o fenômeno de estudo, desde o primeiro momento de registro que é o projeto de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Carla Melli Tambarussi pela leitura e sugestões e ao Prof. Dr. Robson Simplício de Sousa pelo convite.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. l.], v. 11, p. 28–34, 2006.

ALMEIDA MELO, M. L. de. Análise de trajetória metodológica de pesquisa instruída pela abordagem fenomenológico-hermenêutica de PAUL RICOEUR. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, SIPEQ, 4., 2010, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Se&Pq, 2010. v. 1, p. 1-10.

BAUMANN, A. P. P. “Pro-jeto” pedagógico: um ensaio sobre o devir da forma-ação. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 3, n. 15, p. 588-607, dez. 2013. Bimestral.

BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa em educação matemática. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 18–23, 1993.

BICUDO, M. A. V.; KLÜBER, T. E. A questão de pesquisa sob a perspectiva da atitude fenomenológica de investigação // The research issue according to the perspective of phenomenological investigation attitude. **Conjectura: filosofia e educação**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 24–40, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GIL, A. C. O projeto na pesquisa fenomenológica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS (SIPEQ), 4., 2010, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, 2010. v. 1, p. 1-11.

GIL, A. C.; YAMAUCHI, N. I. Elaboração do projeto na pesquisa fenomenológica em enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 26, n. 3, 2012. DOI: 10.18471/rbe.v26i3.6613.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como método de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In:

POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. trad. Ana Cristina Nasser, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 386-409.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 13. ed. Partes I. Petrópolis: Vozes, 2005.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Zahar, 1944.

KLÜBER, T. E. METANÁLISE DO MACROPROJETO “FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM MODELAGEM MATEMÁTICA: COMPREENSÕES E DESVELAMENTOS”. **VIDYA**, Santa Maria (RS, Brasil), v. 43, n. 2, p. 191-206, 2023. DOI: 10.37781/vidya.v43i2.4614. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/4614>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MUTTI, G. S. L. **Adoção da Modelagem Matemática para professores em um contexto de formação continuada**. 2020. 193 folhas. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.

MOURA, C. A. R. de. **Crítica da razão na Fenomenologia**. 1. ed. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1989.

MUTTI, G. S. L.; KLÜBER, T. E. Tesis en formato multipapel: lo develamiento de una posibilidad en la perspectiva fenomenológica de la investigación. **PARADIGMA**, Maracay, v. 43, n. 2, p. 36-58, 2022. DOI: 10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2022.p36-58.id1217.

OXFORD LANGUAGES. Projeto. In: **Dicionário online**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dicion%C3%A1rio+oxford>. Acesso em: 10 out. 24.

SEVERINO, A. J. A pesquisa na dinâmica da vida universitária: elaborando projeto de pesquisa. In: SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Cap. 4. p. 111-116.

SCHWENDLER, D. **A Contextualização na Modelagem Matemática na Educação Matemática**. 2023. 105 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2023.

TAMBARUSSI, C. M.; KLÜBER, T. E. A pesquisa em Modelagem Matemática na Educação Matemática: sobre as atividades de formação continuada em teses e dissertações. **Revemat**: revista eletrônica de educação matemática, [S.L.], v. 9, p. 38, 29 jul. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2014v9nespp38>.

Recebido em: 20 de dezembro de 2024.

Aceito em: 16 de janeiro de 2025.